



# SAU

VET

UNIMEP

## Anais da III Semana Acadêmica de Veterinária da UNIMEP

28 a 30 de outubro de 2021

## Conselho Superior de Administração

**Presidente:** Luciana Campos de Oliveira Dias

**Vice-Presidente:** Jorge Pereira da Silva

**Secretária:** Esther Lopes

### **Titulares do Conselho Geral da Instituições Metodistas de Educação**

Andrea Rodrigues da Motta Sampaio; Cassiano Kuchenbecker Rosing;  
Gilmar Cândido de Medeiros; José Erasmo Alves de Melo; Marcos Gomes  
Torres; Renato Wanderley de Souza Lima; Samuel Barros de Moraes

### **Suplentes**

Eva Regina Pereira Ramão; Josué Gonzaga de Menezes

### **Grupo gestor da Educação Metodista**

**Direção-geral:** Dr. Ismael Forte Valentin

**Filosofia e Missão:** Dr. Paulo Roberto Garcia

**Coordenadoria Nacional de Educação:** Dra. Adriana Barroso de Azevedo

#### **– Segmento Ensino Presencial e Pós-graduação**

Dra. Adriana Barroso de Azevedo

**– Segmento EAD:** Dr. Luciano Sathler

**– Segmento Educação Básica:** Me. Miriam Rezende Mendes

**– Relações Institucionais:** Me. Vera Maciel

**Administrativo-financeira:** Me. Maurício Fontoura Trindade

**CONAPEU:** Coordenador Rev. Antônio Augusto de Souza

## Universidade Metodista de Piracicaba – IEP

**Reitor Interino:** Ismael Forte Valentin

### **Comissão de Publicações**

Thel Augusto Monteiro (Presidente)

Adriana Pertille

Belarmino César Guimarães da Costa

Felix Eliecer Fonseca Felfli

Marco Polo Marchese

Renata Helena Pin Pucci

Vivian de Almeida Gregori Torres

### **Editora Executiva**

Alessandra Maria Sabatine Zambone

## Sumário

HIPOTIREOIDISMO CANINO.....	6
<i>Carolina Sacic Vitti; Gabriela Penteado; Patrícia Biegelmeyer</i>	
HEMOFILIA A EM CÃES.....	8
<i>Thais Urbano Palladino; Patrícia Biegelmeyer</i>	
ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS DAS SÍNDROMES PARANEOPLÁSICAS EM CÃES E GATOS.....	10
<i>Rebeca de Sousa Meneses; Maria Júlia de Sousa Silva</i>	
UMA ABORDAGEM DOS SINAIS NEUROLÓGICOS E TRATAMENTO DO BOTULISMO EM CÃES.....	12
<i>Rebeca de Sousa Meneses</i>	
A IMPORTÂNCIA DA PODODERMATITE SÉPTICA BOVINA NA BOVINOCULTURA...	14
<i>Mariana Jeronymo; Amanda Cristina Moretti; Ester Rodrigues dos Santos; Leticia Candido Gadelha de Sousa; Leticia de Freitas Andrade; Raphael dos Santos Canciglieri</i>	
IMPORTÂNCIA DA CONSERVAÇÃO EX SITU NOS ZOOLOGICOS.....	16
<i>Isabella Abdalla; Cristiane Maria Fernandes de Melo; Patrícia Biegelmeyer; Jorge Alfonso Morales Donoso</i>	
ASTENIA DÉRMICA REGIONAL HEREDITÁRIA EQUINA.....	18
<i>Carolina Fernandes Ramos; Patrícia Biegelmeyer</i>	
DICEFALIA EM BOVINOS.....	20
<i>Eduardo Leite Penteado Júnior; Patrícia Biegelmeyer</i>	
POTENCIAL ZONÓTICO DO MYCOBACTERIUM BOVIS.....	22
<i>Carolina Sacic Vitti; Cristiane Maria Fernandes de Melo; Patrícia Biegelmeyer</i>	
UTILIZAÇÃO DA TÉCNICA DE RETALHO CUTÂNEO DE PADRÃO AXIAL EM FERIDA NÃO CICATRIZANTE - RELATO DE CASO.....	24
<i>Laís Mendes Batista Costa, Jorge Luiz Oliveira Costa</i>	

ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA EM UM CÃO: RELATO DE CASO.....	27
<i>Rayssa Ludmila Menegatti; Cristiane Maria Fernandes de Melo; Rafael Maran Liguri</i>	
ALTERAÇÕES CITOLÓGICAS E COMPORTAMENTAIS NAS DIFERENTES FASES DO CICLO ESTRAL DA CADELA .....	29
<i>Daniela Resende Lima; Givago Gerage de Jesus; Jorge Alfonso Morales Donoso</i>	
A IMPORTÂNCIA DA INFLUENZA EQUINA NA EQUIDECULTURA E COMO PODE- MOS RECONHECÊ-LA?.....	31
<i>Givago Gerage de Jesus; Daniela Resende Lima; Raphael dos Santos Canciglieri</i>	
PRODUÇÃO E VALOR NUTRITIVO DE TITHONIA DIVERSIFOLIA COMO FORRAGEM PARA OVINOS.....	33
<i>Yasmin Jabr Abdel Jabbar; Adibe Luiz Abdalla; Patrícia Biegelmeyer</i>	
HIPERPLASIA FIBROADENOMATOSA MAMÁRIA FELINA E SUA RELAÇÃO COM O USO DE ANTICONCEPCIONAIS - REVISÃO DE LITERATURA.....	35
<i>Maria Júlia de Sousa Silva; Carolina Costa Siebra; Rebeca de Sousa Meneses; Tathieley Costa Ferreira Lima; Francisco Wellison Coelho dos Santos; Araceli Alves Dutra</i>	
A IMPORTÂNCIA DA OBESIDADE CANINA .....	37
<i>Giulia Trevisani; Raphael dos Santos Canciglieri</i>	
LEISHMANIOSE VISCERAL EM FELINOS.....	39
<i>Yasmin Jabr Abdel Jabbar; Patrícia Biegelmeyer; Andrea do Nascimento Araújo Pratti; Cristiane Maria Fernandes de Melo</i>	
Colheita de sêmen e características seminais do veado-roxo ( <i>Mazama nemorivaga</i> ) .....	41
<i>Leticia de Freitas Andrade; Jorge Alfonso Morales Donoso</i>	
A SAÚDE ÚNICA COMO UM PILAR NA MEDICINA VETERINÁRIA DO COLETIVO .....	43
<i>Vivianne Rocha Stanczyk; Silvia Lima da Silva; Wiliene Barbosa Gonçalves de Moura; Marcos Evandro de Souza Lima; Moises Barjud Filho</i>	
TOXOPLASMOSE EM FELINOS DOMÉSTICOS SECUNDÁRIA A INFECÇÃO PELO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA VIRAL FELINA (REVISÃO DE LITERATURA).....	45
<i>Vivian Evangelista; Gabrielle Caliman Siani Iagallo; Cristiane Maria Fernandes de Melo</i>	
OTITE CANINA E FELINA.....	47
<i>Isabella Rando; Mayara Josef; Marcelo Boriollo; Natalia Rubio Claret Pereira</i>	

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP  
Bibliotecário: Fábio Henrique dos Santos Corrêa – CRB: 8/10150

S471a  
Semana Acadêmica de Veterinária da UNIMEP (3. : 2021 :  
Piracicaba, SP)  
Anais / 3ª Semana Acadêmica de Veterinária da UNIMEP, 28,  
29, 30 out. em Piracicaba, SP. – Piracicaba, UNIMEP, 2021.

ISBN: 978-65-88976-05-0

1. Medicina veterinária – Congressos. 2. Animais - Doenças.  
3. Saúde animal - Congressos. I. Título.

CDD – 636.0896

AFILIADA À  
  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias



**EDUCAÇÃO  
METODISTA**

COMISSÃO ORGANIZADORA DA SAUVET  
Patrícia Biegelmeyer  
Mariana Cardoso Sanches

COMISSÃO CIENTÍFICA DA SAUVET  
Raphael dos Santos Canciglieri  
Andrea do Nascimento Araújo Pratti

COORDENADOR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIMEP  
Felipe Augusto Godoy

Capa: Patrícia Biegelmeyer  
Editoração eletrônica: Maria Zélia Firmino de Sá  
Assistente editorial: Ana Caroline Franco

## HIPOTIREOIDISMO CANINO

*Carolina Sacic Vitti<sup>1</sup>; Gabriela Penteado<sup>1</sup>; Patrícia Biegelmeier<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

O hipotireoidismo é causado pela deficiência na produção dos hormônios triiodotironina (T3) e tiroxina (T4), principais hormônios secretados pela glândula tireoide. É a afecção endócrina que mais acomete cães de meia-idade, apresentando grande importância para a Medicina Veterinária. Devido a isso, este trabalho objetiva realizar uma revisão de literatura sobre o hipotireoidismo canino, abrangendo aspectos como seus tipos, sinais clínicos, diagnóstico e tratamento. A glândula tireoide é responsável pela maior parte da regulação metabólica. Está envolvida na regulação da função de alguns órgãos como cérebro, coração, fígado e rins, e é responsável por produzir e secretar hormônios T3 e T4. O hipotireoidismo pode ocorrer devido a algumas anomalias no hipotálamo, hipófise ou tireoide, podendo ser classificado como primário se a sua causa tiver origem na tireoide, secundário se a causa estiver na hipófise, terciário se a anomalia estiver presente no hipotálamo, podendo ainda ser congênito. Em todas essas classificações o resultado da doença será a destruição gradual da glândula tireoide, causando deficiência na produção de hormônios T3 e T4. Normalmente é uma afecção mais ocorrente em cães que já estão na meia-idade ou idosos, pois já podem apresentar alguma deficiência hormonal devido à idade avançada. Como os hormônios T3 e T4 atuam em todos os sistemas do organismo, os sintomas podem variar, podendo ser neuromusculares, dermatológicos, cardiovasculares, podendo também causar algumas interferências reprodutivas. Os sintomas gerais po-

dem ser alterações metabólicas e disfunções nas barreiras físico-químicas do animal, como a pele, podendo acarretar vários tipos de dermatites. Os sinais mais comuns são falta de apetite, letargia e ganho de peso, visto que os cães afetados têm uma grande diminuição no metabolismo celular. O diagnóstico de hipotireoidismo em cães considera, além da anamnese, vários exames como hemograma, bioquímicos, concentração hormonal e diagnóstico por imagem. Muitas doenças podem afetar a produção de hormônios tireoidianos, visto que esse é um mecanismo do organismo para diminuir o metabolismo enquanto o animal estiver doente. Portanto, como os sinais clínicos são inespecíficos, o diagnóstico diferencial para outras doenças é essencial. O tratamento é feito a partir da suplementação hormonal com a levotiroxina sódica (L-T4) durante toda a vida do paciente. A frequência e dosagem de administração da L-T4 podem variar de acordo com a gravidade do caso e com a evolução clínica do animal. Pode-se perceber que o hipotireoidismo é uma afecção que afeta o metabolismo do animal, não apresentando sinais clínicos específicos, o que exige que o diagnóstico seja minucioso. Apesar disso, após a confirmação da doença, o tratamento é simples.

*Palavras-chave:* Cães; Hipófise; Hipotálamo; Hormônios; Tireoide.

## HEMOFILIA A EM CÃES

*Thais Urbano Palladino<sup>1</sup>; Patrícia Biegelmeier<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

A hemofilia A é uma das principais coagulopatias genéticas descritas nos animais domésticos, de característica congênita ou hereditária, manifestando-se principalmente nos machos devido ao padrão de herança recessivo ligado ao cromossomo X. Dificilmente os animais acometidos por sua forma grave atingem a idade adulta, pois é frequente a ocorrência de hemorragias fatais nos primeiros meses de vida. Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre os principais aspectos da hemofilia A em cães, visando contribuir com o diagnóstico e tratamento de animais hemofílicos. A hemofilia A é caracterizada pela deficiência funcional ou quantitativa do fator VIII da coagulação (FVIII), a qual é essencial para a hemostasia secundária, agindo como um cofator na via intrínseca e facilitando a interação e a ativação de outros fatores de coagulação. A atuação inadequada do FVIII resulta em uma quantidade ineficiente de trombina, permitindo que o tampão plaquetário formado pela hemostasia primária seja facilmente removido. Dentre os sinais clínicos estão intolerância ao exercício, dispneia, distensão abdominal, melena, epistaxe e, de maneira precoce, há sangramento excessivo pelo cordão umbilical e na troca da dentição decídua. Ao exame clínico são encontrados hematomas, hemartrose, graves hemorragias relacionadas a traumas e cirurgias, e sangramentos intracavitários. O direcionamento do diagnóstico ocorre pelos resultados prolongados dos testes de tempo de coagulação ativado e tempo de tromboplastina parcial

ativado e, apesar de não ser usual na rotina clínica veterinária, através da mensuração específica da atividade coagulante do FVIII é realizada a confirmação. De acordo com o grau de deficiência do fator, a hemofilia A pode se apresentar em quadros hemorrágicos leves, moderados ou severos. O tratamento é realizado através da reposição regular do FVIII, encontrado em sangue e plasma frescos e em crioprecipitado. É comum a formação de inibidores dos fatores de coagulação que neutralizam a atividade do FVIII ou aceleram sua taxa de eliminação, resultando em hemorragias espontâneas logo após a transfusão. Raramente a autoimunidade também pode induzir a produção de anticorpos anti-FVIII, a qual é principalmente relacionada a mutações genéticas que resultam na manifestação severa da doença. O tratamento de reposição em animais com baixa titulação de anticorpos anti-FVIII é bem-sucedido aumentando a dose utilizada. De maneira experimental, a terapia gênica tem demonstrado grande potencial para o tratamento da hemofilia A severa em cães, proporcionando melhora fenotípica da doença a longo prazo. Por fim, a hemofilia A apresenta grandes desafios relacionados ao seu diagnóstico e tratamento, destacando a importância da melhor compreensão de seus aspectos na rotina clínica veterinária, bem como de pesquisas visando novos tratamentos para os animais diagnosticados com esse distúrbio.

*Palavras-chave:* Coagulopatia; Doença genética; Fator anti-hemofílico; Hemostasia.

## ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS DAS SÍNDROMES PARANEOPLÁSICAS EM CÃES E GATOS

*Rebeca de Sousa Meneses<sup>1</sup>; Maria Júlia de Sousa Silva<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Discente do curso de Medicina Veterinária no Centro Universitário  
Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO) - CE

**A**s síndromes paraneoplásicas são um grupo de sintomas clínicos em pacientes oncológicos e que não estão correlacionados a invasão e proliferação das células neoplásicas no local primário. Os sinais clínicos são causados pela produção e liberação de substâncias humorais pelas células cancerígenas e podem ser classificadas em eutópicas, quando a substância é normalmente sintetizada pelo tecido sadio, porém em excesso pode ser chamada de síndrome paraneoplásica falsa, e em ectópicas quando ela é similar ao do organismo ou leva as células normais a produzir a substância sendo conhecida como síndrome paraneoplásica verdadeira. O objetivo desse trabalho foi abordar as alterações hematológicas que podem ser encontradas nos exames laboratoriais e, para isso, foi feita pesquisa em livros de medicina interna e de oncologia em cães e gatos. A anemia é a principal alteração hematológica dessa síndrome, geralmente ela surge de forma normocítica, normocrômica e arregenerativa por conta de hemólise e sequestro de ferro causada por alguns tipos de neoplasias como no caso de linfoma e leucemias. Trombocitopenia pode ocorrer por conta da diminuição da produção, destruição, sequestro e aumento no consumo de plaquetas, motivada por tumores no baço e medula óssea como é o caso de linfomas e mastocitomas em gatos. Leucocitose neutrofílica com neutrófilos maduros ou jovens na circulação aparece em cães com linfoma, carcinoma real e neoplasia pulmonar primária. Hipergamaglobulinemia é o aumento de imunoglobulinas no sangue e que é capaz de ocasionar

um aumento na viscosidade sanguínea como é o caso de mielomas múltiplos nos quais ocorre o aumento na concentração de IgG e IgA. Portanto a junção da interpretação dos resultados laboratoriais e dos sinais clínicos como fadiga e a síndrome anorexia-caquexia que os cães e gatos podem apresentar ao estarem acometidos com neoplasias que causam a síndrome paraneoplásica, são de suma importância para fechar diagnóstico o quanto antes e estabelecer o tratamento adequado para cada caso.

*Palavras-chave:* Cães; Oncologia; Patologia Clínica.

## UMA ABORDAGEM DOS SINAIS NEUROLÓGICOS E TRATAMENTO DO BOTULISMO EM CÃES

*Rebeca de Sousa Meneses<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro  
Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO) - CE

O botulismo é uma doença infecciosa causada pela neurotoxina tipo C da bactéria *Clostridium botulinum*, sendo transmitida através da ingestão de carcaças e comidas estragadas, com aparição dos sinais clínicos horas ou dias após, e a quantidade de toxinas ingeridas irá determinar a gravidade do quadro clínico. O diagnóstico pode ser feito pela anamnese e histórico do paciente, especialmente se o animal tem acesso à rua ou ao lixo. Em vista do risco de morte iminente dessa doença, torna-se necessário o conhecimento e entendimento sobre a enfermidade, em especial dos sinais clínicos neurológicos para que se possa iniciar o tratamento adequado para cada caso. O objetivo desse resumo é abordar e discutir os sinais neurológicos e tratamento dos caninos afetados pelo botulismo. É por conta do bloqueio da acetilcolina nas junções neuromusculares pela neurotoxina e, por conseguinte, a paralisação do neurônio motor inferior que os sinais clínicos surgem, primeiramente, com uma fraqueza progressiva dos membros pélvicos subindo cranialmente até chegar no tronco e membros torácicos. Conforme o avanço da toxina no sistema nervoso o cão começa a apresentar passos curtos em que arrasta o membro no chão até chegar a permanecer em decúbito, resultando em tetraparesia. Ao se fazer o exame físico pode-se notar uma diminuição do tônus muscular, mas sem atrofia, redução da produção de lágrimas, retenção urinária e polaquiúria. No exame neurológico os reflexos espinhais estarão au-

sentes, propriocepção e dor presentes, reflexo pupilar lento e midríase. Quando o animal chega no estágio de não conseguir se levantar, significa que os pares de nervos cranianos foram prejudicados, podendo causar pupila dilatada, resposta palpebral diminuída, sialorreia, disfagia, vocalização fraca ou rouca, diminuição do tônus da mandíbula, regurgitação e megaesôfago. Infelizmente não existe tratamento específico para a neurotoxina, caso seja possível adquirir a antitoxina tipo C, a literatura preconiza a aplicação de 10.000 unidades duas vezes, de 4 em 4 horas, ou seja, 6 vezes ao dia, mas lembrando que o fármaco irá fazer ligação apenas com as toxinas que estão circulando. O internamento é indispensável para que possa ser feita fluidoterapia e suporte nutricional, já que as chances são de que o animal não esteja conseguindo se alimentar sozinho. Dependendo da resposta ao tratamento, o animal geralmente consegue se recuperar entre 7 a 21 dias. O uso de antimicrobianos como os do grupo betalactâmicos não tem comprovação de eficácia, pois já ocorreu a ingestão da toxina não sendo possível destruí-la, e por não haver multiplicação da bactéria no trato gastrointestinal. Portanto, o botulismo é uma doença na qual o animal necessita de observação e cuidados intensivos, pois sua toxina age diretamente na transmissão dos impulsos neuromusculares e, conseqüentemente, evolui para uma parada dos músculos respiratórios.

*Palavras-chave:* Botulismo; Canino; Neurologia.

## A IMPORTÂNCIA DA PODODERMATITE SÉPTICA BOVINA NA BOVINOCULTURA

*Mariana Jeronymo<sup>1</sup>; Amanda Cristina Moretti<sup>1</sup>; Ester Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>; Leticia Candido Gadelha de Sousa<sup>1</sup>; Leticia de Freitas Andrade<sup>1</sup>; Raphael dos Santos Canciglieri<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

As afecções podais são as mais frequentes patologias que afetam o sistema locomotor dos bovinos, em destaque a pododermatite séptica. Tal enfermidade se caracteriza pela infecção do espaço interdigital causada pela penetração de microrganismos em microlesões, resultando na possível perda do membro afetado e, como consequência, o descarte do animal afetado, acarretando perdas econômicas. Pisos corrosivos e corredores de passagem com muito cascalho, além de uma deficiência na limpeza e manutenção das instalações são fatores que predispõem o surgimento da enfermidade. Por envolver diretamente fatores relacionados à saúde e ao manejo do animal, há grande importância na bovinocultura, principalmente a leiteira devido ao seu sistema de confinamento, podendo resultar em perdas econômicas, diminuição da produção e baixa performance reprodutiva. Por isso este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica incluindo desde conceitos até os possíveis tratamentos da pododermatite séptica bovina. Vacas da raça holandesa possuem uma maior predisposição a serem acometidas pela doença, isso graças a um grande peso corporal e um sistema de produção intenso. Um manejo sanitário e populacional das instalações incorreto, principalmente, nos meses de chuvas auxilia no acúmulo de matéria orgânica, na qual as principais bactérias

(*Dichelobacter nodosus* e *Fusobacterium necrophorum*) causadoras da pododermatite séptica irão se alojar. Os principais sinais clínicos observados durante o exame físico são: claudicação, redução na produção leiteira e do escore corporal, alteração de aprumos, edema do membro acometido, baixa aceitação alimentar, anestros prolongados, hiperemia da região ungular e perceptível sensibilidade ao toque. Em casos mais avançados observa-se fistulações extensas com drenagem de secreção sanguinolenta, odor pútrido e uma deformação dos cascos, incluindo a exposição de tecidos moles. Primeiramente uma investigação assertiva sobre o local da propriedade e o sistema de produção utilizado é necessária, na qual questionamentos como solo, locais que esses animais têm acesso, tipo de alimentação, manejos realizados (como pedilúvio), higienização dos locais, indícios zootécnicos, frequência da patologia, e tratamentos prévios são cruciais. A realização de um exame clínico criterioso no casco desses animais é essencial para formar um diagnóstico e prognóstico e realizar o casqueamento preventivo a fim de avaliar as estruturas internas do casco. Raramente exames complementares são realizados, exames de imagem são aconselháveis quando se suspeita de acometimento ósseo. O tratamento das doenças podais se diferencia conforme a gravidade da lesão, mas se resumem em uma limpeza rigorosa da ferida, aplicação de produtos tópicos com antimicrobianos e cicatrizantes, a realização de curativos com bandagens, casqueamento corretivo e um controle com antibióticos e anti-inflamatórios, no caso de quadros graves com sintomatologia sistêmica. Como prevenção se indica manter os ambientes estabulados bem higienizados, casqueamento preventivo, investir em pedilúvios antissépticos, uma dieta balanceada e evitar a presença de irregularidades do terreno e cascalhos. As afecções podais destacam-se entre os principais problemas observados na bovinocultura resultando em perdas econômicas para a propriedade, portanto as medidas preventivas são sempre as melhores opções como realizar casqueamento preventivo e higienizar corretamente o ambiente.

*Palavras-chave:* Avaliação dos cascos; Bovinocultura; Pododermatite Séptica; Produção Leiteira; Profilaxia.

## IMPORTÂNCIA DA CONSERVAÇÃO *EX SITU* NOS ZOOLOGICOS

Isabella Abdalla<sup>1</sup>; Cristiane Maria Fernandes de Melo<sup>1</sup>; Patrícia Biegelmeyer<sup>1</sup>; Jorge Alfonso Morales Donoso<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

Com o aumento da degradação ambiental, que leva a uma intensa perda da biodiversidade, tanto a comunidade científica quanto governos e entidades não-governamentais ambientalistas alertam para extinção em massa de diferentes espécies de animais silvestres. O homem vem acelerando muito a taxa de extinção de espécies, a ponto de ter se tornado o principal agente do processo de extinção atualmente. Para conservação *in situ* (manutenção de espécies selvagens na natureza), os zoológicos realizam Programas de Conservação *ex situ*, que refere-se à conservação da fauna fora do seu meio natural. Diante disso, o objetivo desse trabalho é relatar sobre a importância dos Zoológicos e centro de conservação na manutenção de espécies selvagens na natureza por meio de Programas de Reprodução *ex situ*. Dentre as atividades desenvolvidas nos Programas de Reprodução nessas Instituições, contemplam-se a inseminação artificial, transferência de embriões, criopreservação de ovócitos e espermatozoides e fertilização *in vitro*, os quais possuem potencial para prevenir e solucionar a perda da diversidade genética nas populações selvagens. As metodologias reprodutivas adotadas diferem de espécie para espécie, e o conhecimento por parte dos médicos veterinários sobre as características reprodutivas, fisiológicas e ecológicas são fundamentais, além de pesquisas e trocas de informações entre as Instituições que trabalham

em conjunto, pois em algumas situações é necessário deslocamento de animais selvagens ou material biológico (sêmen, ovócitos) para promoção dessas atividades. Entre os fatores que influenciam para um bom manejo reprodutivo nessas espécies, estão os locais para realização, que devem ser isolados do público, com intuito de evitar estresse para que não ocorra insucesso. Outro fator importante para garantir sucesso na reprodução *ex situ* é o enriquecimento ambiental, pois os recintos devem ser semelhantes ao hábitat natural dessas espécies silvestres, possibilitando pontos de fuga para que esses animais possam se esconder. Para um bom manejo, os médicos veterinários devem realizar exames ginecológicos e andrológicos, e em caso de fertilização, o acompanhamento neonatal. A conservação de fauna *ex situ* é complexa e requer atuação de profissionais treinados e capacitados, demandando um alto investimento por parte das Instituições. Sendo assim, com o sucesso crescente do nascimento de espécies selvagens por meio de Programas de Conservação *ex situ* adotados por esses Zoológicos e Centros de Conservação, consolidam-se técnicas de manejo reprodutivo e comportamental nessas diferentes espécies silvestres. E, dessa maneira, caso aconteça alguma catástrofe ambiental, que reduza determinada população selvagem em seu hábitat, essas Instituições conseguem auxiliar através da manutenção da diversidade genética a preservação de espécies na natureza.

*Palavras-chave:* Comportamento; Degradação ambiental; Diversidade genética; Manejo reprodutivo; Preservação.

## ASTENIA DÉRMICA REGIONAL HEREDITÁRIA EQUINA

*Carolina Fernandes Ramos<sup>1</sup>; Patrícia Biegelmeier<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

**A**stenia Dérmica Regional Hereditária Equina (HERDA), também conhecida como Astenia Cutânea, tem características clínicas como pele frouxa, fina, hiperextensível e frágil que pode lacerar facilmente frente a pequenos traumas, formando extensas cicatrizes e danos à pele do animal. É uma doença genética que prejudica o metabolismo do colágeno, principalmente em animais da raça Quarto de Milha (QM). O presente trabalho objetiva apresentar uma revisão bibliográfica sobre a HERDA, abordando suas causas genéticas, sintomas, diagnóstico e possíveis tratamentos. A HERDA é uma doença genética causada por uma mutação autossômica pontual no gene *PPIB* que codifica a Ciclofilina B. Manifesta-se apenas em animais homocigotos, mas heterocigotos atuam como carreadores da doença. Em animais afetados, a Ciclofilina B apresenta no seu domínio N-terminal uma substituição da glicina por arginina, prejudicando o mecanismo de dobramento do colágeno, deixando-o mal organizado. O colágeno é fundamental para o organismo, desempenhando funções estruturais e manutenção da integridade tecidual, proporcionando assim força de tensão ao tecido, flexibilidade e extensibilidade. As primeiras lesões causadas pela doença podem ser observadas com o início da doma e ao uso das selas. A pele do animal se lacera facilmente, causando feridas, hematomas, seromas e dificuldades de cicatrização. O diagnóstico é feito a partir de anamnese, sinais clínicos e exames laboratoriais como his-

topatológicos e testes de reação em cadeia de polimerase (PCR). Os achados histopatológicos incluem a presença de anormalidades no colágeno na derme profunda, como fibras de colágenos finas e encurtadas. O diagnóstico molecular pode ser realizado com amostras do DNA da crina, pelo e sangue total do animal e, além de confirmar a doença nos animais afetados, também é capaz de detectar animais carreadores de apenas uma cópia do gene mutante. Para o controle e redução de ocorrência da HERDA podem ser feitos exames antes dos cruzamentos, para que não haja descendentes afetados ou heterozigotos. Cavalos afetados e seus descendentes devem ser retirados do sistema de acasalamento e os que são afetados não podem ser montados. Não existe cura para a astenia cutânea, porém o tratamento e prevenção das feridas podem ajudar na melhoria da qualidade de vida do animal. Sabe-se que no inverno os cavalos são menos propensos a ter lesões, e no verão o quadro do animal pode piorar e gerar maior desenvolvimento e progressão das lesões. Assim, se os animais forem mantidos em baias e protegidos de raios solares nota-se uma melhora nos ferimentos e lesões. Conclui-se que a HERDA é uma doença extremamente delicada e grave que pode gerar prejuízos tanto a equicultores quanto à qualidade de vida do animal. Apesar de se manifestar apenas em equinos homozigotos, é importante que os animais heterozigotos não sejam utilizados para reprodução, como forma de reduzir a ocorrência da HERDA nos rebanhos.

*Palavras-chave:* Astenia cutânea; Colágeno; Dermatologia; HERDA; Quarto de Milha.

## DICEFALIA EM BOVINOS

*Eduardo Leite Penteadó Júnior<sup>1</sup>; Patrícia Bieglmeyer<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

**D**efeitos congênitos são anomalias que podem ser estruturais ou funcionais, interferindo totalmente ou parcialmente em um sistema. Esses defeitos podem ocorrer de vários modos como: pequenos desvios, defeitos moderados, grandes defeitos e defeitos considerados como monstrosidades. Essas anomalias nem sempre estão associados a uma causa específica, porém, alguns casos ocorrem através de: origem genética, fatores ambientais, intoxicação por plantas ou reagentes químicos. Dentre tais defeitos encontra-se a dicefalia que ocorre durante o período embrionário, quando há a formação de camadas germinativas primitivas e rudimentos de órgãos. Nessa fase o embrião está mais suscetível a uma anomalia das placas neurais, o que pode resultar em duas cristas neurais totalmente ou parcialmente duplicadas. Nesse sentido, este trabalho objetiva realizar uma revisão bibliográfica a respeito da dicefalia em bovinos, mostrando possíveis causas e problemas acarretados por esta anomalia. A dicefalia, também conhecida por bicefalia ou diprosopia, pode ser completa, quando o animal nasce com a duplicação da cabeça, do pescoço, cérebro e medula, ou pode apresentar a formação incompleta, quando é possível notar apenas a duplicação da face do animal, pois o resto se manteve fundido. Essa anomalia é considerada rara, não havendo registros de muitos casos, sendo considerada incompatível com a vida, visto que geralmente causa a morte dos animais após 48 horas do seu nascimento. Por

esse motivo, a dicefalia é encontrada em casos isolados e ainda existem poucos estudos sobre ela, porém a maioria dos casos registrados foram em bovinos. Essa anomalia pode ser relacionada a defeitos congênitos hereditários, defeitos nos genes da célula sexual ou germinativa, ou ainda pode estar relacionada a fatores ambientais, como infecções e intoxicações por plantas ou substâncias químicas. Algumas das causas apontadas como mais importantes são a infecção viral materna pré-natal, deficiência de vitamina A e ácido fólico, fatores genéticos ou suas combinações. Gêmeos monozigóticos são mais propensos à duplicação na área germinativa, o que dá origem a um feto com partes do corpo parcialmente duplicadas. Como essa duplicação ocorre de forma parcial nos órgãos, os animais acabam se tornando mais suscetíveis a outros problemas como: câmaras e grandes vasos cardíacos múltiplos. A dicefalia bovina é um caso raro que acontece de forma isolada, ainda existindo poucos estudos ou relatos que ajudem a identificar o principal fator causador dessa anomalia. Isso dificulta a elaboração de estratégias de prevenção de sua ocorrência nos rebanhos, impedindo que seja corrigida antes que comecem a aparecer casos mais recorrentes ou se torne um problema para os criadores de bovinos.

*Palavras-chave:* Anomalias genéticas; Bicefalia; Bovinocultura; Diprosopia.

## POTENCIAL ZONÓTICO DO *MYCOBACTERIUM BOVIS*

*Carolina Sacic Vitti<sup>1</sup>; Cristiane Maria Fernandes de Melo<sup>1</sup>;  
Patrícia Bieglmeyer<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

A tuberculose bovina é uma zoonose transmitida pelo *Mycobacterium bovis* que possui alta virulência para bovinos, búfalos e humanos, sendo de notificação obrigatória aos Serviços de Inspeção Sanitária dos estados. A infecção humana por *M. bovis* é considerada uma zoonose de caráter ocupacional, e em 2001 foi criado o Programa Nacional de Controle e Erradicação de Brucelose e Tuberculose Animal, visando reduzir os impactos negativos dessas zoonoses na saúde animal e humana. Frente ao potencial zoonótico do *M. bovis*, objetiva-se apresentar aspectos relacionados à sua transmissão, sinais clínicos, diagnóstico e medidas de controle. A transmissão do *M. bovis* para seres humanos ocorre pela inalação de bacilos presentes no ambiente, geralmente eliminados pelo ar, sêmen, fezes, urina e fluidos corporais, sendo designada tuberculose pulmonar quando afeta o sistema respiratório. Outra forma de transmissão é pelo consumo de leite mal fervido, derivados do leite e ingestão de carne malcozida, na qual os bacilos passam pelo trato digestivo e urinário e causam a tuberculose extrapulmonar. A doença é caracterizada nos bovinos pela formação de nódulos (tubérculos) em qualquer órgão/tecido, principalmente nos linfonodos, fígado, baço, rins e intestinos. Os principais sinais clínicos em bovinos são tosse, emagrecimento, febre, secreção catarral, perda na produção leiteira e infertilidade. Em humanos os sintomas

mais relatados são febre, emagrecimento, fadiga e tosse com secreção sangüinolenta a purulenta. O diagnóstico nos animais pode ser feito através de testes que envolvem a inoculação intradérmica (ID) de Tuberculina Bovina, para verificar o aumento ou não nas regiões inoculadas em até 72h. No Teste Cervical Simples a aplicação é feita na região do pescoço e no Teste da Prega Caudal é realizada na cauda do animal. Nos resultados inconclusivos, deve ser realizado o Teste Cervical Comparativo que envolve a inoculação ID de tuberculina bovina e aviária em dois pontos da região cervical e avaliação do resultado em até 72h. Em humanos, deve-se ter cuidado para diferenciar se a infecção está sendo causada pelo *M. bovis* ou *M. tuberculosis*, os quais muitas vezes apresentam mesma sintomatologia. O *M. bovis* pode ser transmitido de pessoa para pessoa, por isso é importante que após o diagnóstico positivo ocorra isolamento das pessoas infectadas. Animais positivos para *M. bovis* são sacrificados em abatedouros com Serviços de Inspeção Federal, para posterior colheita de material e diagnóstico histopatológico em laboratórios oficiais. Conclui-se que por ser uma zoonose associada ao ambiente de trabalho, são essenciais medidas preventivas e de conscientização nas propriedades. Nesse sentido, médicos veterinários dos Serviços Oficiais devem promover o controle de trânsito nos rebanhos, programas de educação sanitária com produtores rurais, e em caso de animais positivos, realizar o sacrifício dos animais, isolamento da propriedade e desinfecção das instalações nas áreas afetadas.

*Palavras-chave:* Bovinos; Doença Zoonótica; Inspeção Federal; Notificação Compulsória.

## UTILIZAÇÃO DA TÉCNICA DE RETALHO CUTÂNEO DE PADRÃO AXIAL EM FERIDA NÃO CICATRIZANTE - RELATO DE CASO

*Laís Mendes Batista Costa<sup>1</sup>, Jorge Luiz Oliveira Costa<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina - PR;

<sup>2</sup>Hospital Veterinário Cedvet, Marília - SP

A cirurgia reconstrutiva tem sido aplicada rotineiramente na medicina veterinária na reconstrução tecidual causada por traumatismos, após a ressecção tumoral ou a fim de melhorar anomalias congênicas. São técnicas extremamente úteis para reparação de grandes defeitos teciduais, gerando um bom resultado estético-funcional, auxiliando na cicatrização e diminuindo as chances de infecção; com um bom planejamento, adesão à técnica e cuidados trans e pós-operatórios, as chances de insucesso tornam-se quase nulas. Ao planejar-se a cirurgia reconstrutiva, deve-se considerar a localização do ferimento, a elasticidade do tecido, o suprimento sanguíneo local e a qualidade do leito da ferida, bem como a semelhança entre coloração e direção dos pelos do local doador para o receptor. Ademais, o leito receptor deve ser preparado para a implantação do retalho, não possuindo tecido de granulação exuberante, contaminação ou debris. Em lesões extensas são utilizados enxertos ou retalhos para obter a cobertura cutânea adequada, cobrir e proteger ossos, cartilagens, tendões ou ligamentos expostos. Dentre as técnicas cirúrgicas, destaca-se o retalho de padrão axial, caracterizado por retalhos pediculados que incluem uma artéria e veia cutânea direta em sua base, oferecendo, assim, maior perfusão tecidual quando comparada com retalhos pediculados com circulação apenas do plexo subdérmico. O seu uso é descrito com os vasos toracodorsal, epigástrica superficial caudal, auricular caudal, cervical superficial, temporal superficial e

retalho reverso de safena. A utilização do retalho axial da epigástrica superficial caudal tem obtido resultados satisfatórios na reconstrução de defeitos cutâneos na porção caudal do abdome, flanco, região inguinal, prepúcio, períneo, coxa e membros posteriores, em aproximadamente 98% dos casos descritos, demonstrando, portanto, segurança e eficácia no seu uso. O objetivo do presente trabalho foi relatar o uso do retalho axial da epigástrica superficial caudal em uma gata com ferida crônica não cicatrizante, ressaltando e incentivando assim, o seu uso em casos similares, em que se há grande perda tecidual sem sucesso de tratamento. Uma gata, SRD, 10 anos, castrada, foi atendida com histórico de trauma e tratamento de ferida há 50 dias por um colega, sem sinais de melhora. Ao exame clínico o animal apresentava grande laceração em todo membro pélvico direito, em porções mediais e laterais, com exposição de côndilos femorais e tecido de granulação recobrimdo apenas a porção proximal do membro, além de luxação patelar. Devido à gravidade, contaminação e tempo decorrido do trauma, realizou-se limpeza da ferida e redução da luxação patelar. Após isso, dado o tamanho, extensão e localização da laceração, bem como o insucesso do tratamento anterior, optou-se pela realização de uma cirurgia reconstrutiva por meio de retalho cutâneo axial da epigástrica superficial caudal, utilizando a cadeia mamária adjacente. Diversos autores relatam a necessidade de um leito receptor sadio ao utilizar-se uma técnica reconstrutiva; isto é, sem tecido de granulação exuberante, contaminação, debris, crostas, tecido necrótico e corpos estranhos, para que se minimizem os riscos de infecção e aumentem as chances de sucesso da enxertia; ambiente possível com o desbridamento e limpeza da lesão. Logo, foi de fundamental importância a antissepsia da ferida durante o período pré-operatório. Devido à extensão da laceração e grau de destruição tecidual do membro, principalmente na região medial, a síntese da pele tornou-se inviável. Ao utilizarmos o retalho cutâneo, proporcionarmos melhor viabilidade (devido a perfusão tecidual oferecida), tecido suficiente para cobrir e proteger os côndilos femorais e a região articular, que foram expostos após o trauma, além de pele suficiente para sutura, já que, em gatos, o retalho pode estender-se

até a zona do metatarso. É importante salientar, ainda, que a função da glândula mamária não é afetada pela técnica em fêmeas; todavia, como tratava-se de um animal castrado, eventuais intercorrências hormônio-dependentes foram descartadas. Apesar da literatura salientar a importância de atenção à coloração e disposição dos pelos, nesse caso, não foi possível a valorização da composição estética, já que grande parte do tecido mamário não possui pelagem e a presença das mamas pode gerar desconforto aos tutores. Todavia, os mesmos foram alertados da condição e consentiram com a abordagem. Apesar da complexidade operatória dada contaminação e necrose existentes e comprometimento estético do membro do animal, o uso da cirurgia reconstrutiva gerou excelente resultado cicatricial e funcional, tornando o retalho cutâneo axial da epigástrica superficial caudal uma alternativa viável para casos semelhantes de lacerações extensas no membro pélvico, principalmente, naqueles com maior acometimento da porção medial do mesmo.

*Palavras-chave:* Gato; Laceração; Reconstrução, Trauma.

## ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA EM UM CÃO: RELATO DE CASO

*Rayssa Ludmila Menegatti<sup>1</sup>; Cristiane Maria Fernandes de Melo<sup>2</sup>;  
Rafael Maran Liguri<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Clínica Veterinária Doctor Vet, Caarapó - MS; <sup>2</sup>Universidade  
Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

**A**nemia hemolítica imunomediada é um distúrbio imunológico frequente na clínica de cães e gatos, se caracterizando pela destruição direta ou fagocitose de hemácias do animal. A forma mais comum da doença é pela destruição das hemácias por imunoglobulinas (IgM e IgG) que caracteriza a hemólise intravascular. A doença acomete mais caninos que felinos, sendo as raças mais acometidas Cocker Spaniel, Poodle e Sheepdog. A idade média de desenvolvimento é de seis anos, sendo os principais sinais clínicos apatia, anorexia, êmese, diarreia, poliúria e polidipsia. Diante disso, esse trabalho busca relatar um quadro de anemia hemolítica em um cão. No dia 19 de agosto foi atendida na Clínica Veterinária Doctor Vet, no município de Caarapó, Mato Grosso do Sul, uma cadela de seis anos de idade, da raça Labrador. No atendimento, o tutor queixava-se que o animal apresentava emagrecimento progressivo, vômito e pele amarelada. No exame físico, o animal apresentava apatia, icterícia e desidratação moderada. Em seguida, foram colhidas amostras de sangue para realização de exames hematológicos e avaliação da função hepática no Laboratório Biovida Vet na cidade de Caarapó-MS. No eritrograma pode-se observar anemia regenerativa, através da presença de corpúsculos de Howell-Jolly, entretanto, foi observado também poiquilocito-

se com presença de esferócitos na série vermelha, o que caracteriza anemia hemolítica imunomediada. No leucograma, o animal apresentava redução no número de neutrófilos e linfocitose com intensa quantidade de linfócitos reativos. Nos exames bioquímicos hepáticos pode se observar aumento das enzimas fosfatase alcalina (FA), aspartato aminotransferase (AST), 204 UI/L e 190 UI/L, respectivamente. O animal foi internado e submetido à fluidoterapia com NaCl 0,9% e administração de dexametasona na dose de 0,8 ml/kg. Apesar do tratamento o animal não resistiu e veio a óbito após dois dias. O prognóstico dessa doença varia de reservado a ruim, e os animais que apresentam hemólise intensa geralmente vem a óbito. A terapia imunossupressora é importante, uma vez que promove a lise das células de defesa que estariam causando a destruição desses eritrócitos, com intuito de promover melhor qualidade de vida para os animais acometidos.

*Palavras-chave:* Esferocitose; Hemólise; Tratamento Imunossupressor.

## ALTERAÇÕES CITOLÓGICAS E COMPORTAMENTAIS NAS DIFERENTES FASES DO CICLO ESTRAL DA CADELA

*Daniela Resende Lima<sup>1</sup>; Givago Gerage de Jesus<sup>1</sup>;  
Jorge Alfonso Morales Donoso<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP; <sup>2</sup>Docente de Reprodução Animal (UNIMEP), Piracicaba - SP

A citologia vaginal é uma técnica eficiente na classificação do ciclo estral em cadelas, de grande utilidade clínica, de fácil realização, baixo custo, indolor, e não invasiva. A técnica concede ao clínico a avaliação da fertilidade, bem como de problemas reprodutivos como tumor venéreo transmissível (TVT), vaginites, entre outros. Devido ao ciclo estral estar completamente ligado a mecanismos endócrinos e neuroendócrinos, é possível o levantamento de dados mediante exames hormonais e citológicos, permitindo estimar o período ideal de fertilidade, assim como distúrbios no ciclo estral e inatividade sexual. O objetivo deste trabalho é descrever as alterações citológicas e comportamentais nas diferentes fases do ciclo estral da cadela. A citologia vaginal trata-se de um exame laboratorial complementar, no qual usa-se *swab* lubrificado com soro fisiológico, a fim de coletar material na porção dorsal da vulva, no sentido crânio-dorsal e friccionando levemente a mucosa vaginal. Em seguida, o material é depositado em uma lâmina de forma rotativa, fazendo-se fixação e coloração da lâmina, para posterior observação em microscópio óptico. O ciclo estral da cadela é dividido em quatro fases, definidas como proestro, estro, diestro e anestro. Dependendo da fase do ciclo que se encontra a cadela é possível identificar o tipo de célula em evidência. As células são classificadas como: superficiais, intermediárias, parabasais e queratinizadas. Em

cada fase, a cadela irá apresentar características comportamentais e citológicas diferentes, no proestro a cadela irá apresentar um comportamento inquieto, edema vulvar e descargas sanguinolentas devido a ação estrogênica no endométrio, nessa fase também ocorre a atração de machos, sendo a duração de aproximadamente 9 dias. No proestro ocorre predomínio de células parabasais e intermediárias, e presença de eritrócitos. Em seguida, na fase estral, com duração média de 9 dias, ocorre edema vulvar, e a fêmea começa a aceitação pelo macho, com gestos de levantar a região pélvica e ficar em volta do macho. Na citologia estral é observada uma concentração elevada de células superficiais anucleadas cornificadas. No diestro observa-se edema vulvar diminuído, sem aceitação do macho. Nos achados microscópicos no diestro observam-se concentrações de células parabasais, neutrófilos e bactérias, com duração de 2 meses aproximadamente. O anestro é a fase mais longa do ciclo, de aproximadamente 4 meses, caracterizado pela inatividade ovariana, sendo nos achados citológicos possível encontrar citólise devido a inatividade reprodutiva. Diante disso, a citologia vaginal além de indicar a fase do ciclo estral, também permite realizar um manejo reprodutivo com maior acurácia, auxiliando na determinação do dia ideal para fazer a cobertura ou inseminação artificial na cadela.

*Palavras-chave:* Cadelas; Ciclo estral; Citologia Vaginal; Reprodução.

## A IMPORTÂNCIA DA INFLUENZA EQUINA NA EQUIDEOCULTURA E COMO PODEMOS RECONHECÊ-LA?

*Givago Gerage de Jesus<sup>1</sup>; Daniela Resende Lima<sup>1</sup>;  
Raphael dos Santos Canciglieri<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

Considerada a principal doença do sistema respiratório dos equinos, a influenza causa inúmeros prejuízos a equideocultura, afetando principalmente cavalos atletas, além de possuírem uma alta taxa de transmissão e morbidade. Essa infecção viral ainda não possui nenhum programa nacional de vigilância, por isso é crucial conhecer os sinais clínicos da doença para iniciar as medidas de tratamento e profilaxia e assim impedir a sua fácil transmissão por todo o plantel. Portanto o objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão bibliográfica acerca da fisiopatologia, da sintomatologia e do tratamento e profilaxia da influenza equina. Chamado de Vírus da Influenza Equina (EIV), ele é pertencente à família dos *Orthomyxoviridae* e do gênero *Influenzavírus A*, sendo seu genoma constituído de RNA de sentido negativo envelopado por uma camada de nucleoproteína viral. Dentre todos os subtipos, destaca-se H7N7 e o H3N8 como causadores da enfermidade em equídeos, o primeiro subtipo possui uma prevalência menor ao ser comparado com o segundo, o qual mais disseminado pelo mundo e resulta em sintomas mais graves. A influenza equina é uma doença de alta morbidade e baixa mortalidade, resultando em óbitos apenas animais imunossuprimidos, recém-nascidos e muares. Apesar de ter uma maior prevalência em equinos até dois anos, todas as faixas etárias são susceptíveis a infecção. Cavalos transportados

por longas distâncias ou que ficam em locais confinados com pouca ventilação possuem uma maior prevalência de se infectar. A contaminação acontece através da inalação, contato direto com secreções e tosses e fômites (cochos, bebedouros, escovas). A incubação do EIV ocorre dentro de 48h com a replicação em mais 24h e a recuperação dentro de cinco dias. Os principais sinais clínicos encontrados são: febre com picos de 41°C, descarga nasal com aspecto seroso ou purulento quando coexistir uma infecção bacteriana, tosse, perda de peso e anorexia. Durante a anamnese questionamentos sobre a dispneia, mudança de comportamento, indisposição física, convivência em locais aglomerados e fechados e por fim sobre a vacinação contra a influenza equina. É importante também fazer uma avaliação completa do sistema respiratório, avaliando a integridade do nariz e da sua mucosa, as características da secreção nasal, percussão dos seios nasais, palpação dos linfonodos presentes na região da cabeça, palpação e auscultação traqueal e auscultação cardiopulmonar e aferição da temperatura. Os principais métodos de diagnósticos são os etiológicos que visam confirmar a presença do vírus, as técnicas mais utilizadas são: ELISA; imunofluorescência direta, RT-PCR, contudo essas amostras só podem ser obtidas nas primeiras 48h. No hemograma é possível encontrar linfopenia e monocitose e por fim pode-se realizar a endoscopia do sistema respiratório. Uma vez diagnosticado, deve-se instalar a quarentena e reduzir a carga de trabalho, no caso de infecções secundárias devemos tratar corretamente. Manter a vacinação contra a influenza regular, evitar superlotação, higienizar corretamente os itens e manter as instalações ventiladas e limpas são as principais medidas profiláticas contra a enfermidade.

*Palavras-chave:* Avaliação Semiológica; EIV; Equideocultura; Influenza Equina.

## PRODUÇÃO E VALOR NUTRITIVO DE TITHONIA DIVERSIFOLIA COMO FORRAGEM PARA OVINOS

Yasmin Jabr Abdel Jabbar<sup>1</sup>; Adibe Luiz Abdalla<sup>2</sup>;  
Patrícia Biegelmeyer<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduanda na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); <sup>2</sup>Centro de Energia Nuclear na Agricultura/Universidade de São Paulo (CENA/USP); <sup>3</sup>Docente na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

As forrageiras desempenham um papel fundamental nos sistemas de produção comercial de ruminantes. No entanto, a eficiência de converter forragens em proteína de alta qualidade é limitada pelo baixo valor nutricional das forragens utilizadas nas regiões tropicais, além da maior emissão de metano entérico (CH<sub>4</sub>). A *Tithonia diversifolia* é relatada como planta arbustiva de alta rusticidade, de considerável produção de biomassa e de bom valor nutricional. O objetivo deste estudo foi investigar a produtividade e qualidade nutricional de pastagem de *Brachiaria* spp. consorciada com *T. diversifolia* como alternativa de forragens para ovinos. Amostras dessa forragem foram coletadas em piquetes com e sem *T. diversifolia*, formados na área do Laboratório de Nutrição Animal do Centro de Energia Nuclear na Agricultura da Universidade de São Paulo (LANA - CENA/USP), em Piracicaba/SP. Tais amostras foram colhidas com intervalos de rebrota superiores a 28 dias em função do desenvolvimento da *Tithonia*, em *stands* preparados para a colheita de forragem produzida em *plots* de 0.25 m<sup>2</sup> (n = 4 para cada corte), com auxílio de tesoura para colheita a uma altura de 20 cm do solo. Foi realizada a estimativa da produção de forragem e determinou-se os teores de matéria seca (MS), matéria orgânica (MO) e proteína bruta (PB) de acordo com os procedi-

mentos preconizados pela *Association of Official Analytical Chemists* (AOAC). A fibra em detergente neutro (FDN), fibra em detergente ácido (FDA) e Lignina (LIG) foram determinadas seguindo a metodologia de protocolo analítico para determinação do valor alimentar de forragens. Os dados provenientes da produção de biomassa e das análises bromatológicas foram submetidos a análise de variância (ANOVA) utilizando o *software* R. Os resultados da produção de biomassa das forragens nos piquetes com e sem *T. diversifolia* foram 10,2 e 14,9 T MV/ha, respectivamente. A pastagem cultivada em consórcio com a *T. diversifolia* não demonstrou diferença significativa quanto à qualidade nutricional, apresentando valor nutricional semelhante ao da pastagem em plantio exclusivo, exceto para os teores de FDA e LIG, que se apresentaram maiores para a pastagem consorciada, o que pode ter sido influenciado pelo sombreamento de um possível alongamento de colmo e devido à competitividade entre as plantas por água, luz e nutrientes. O consórcio entre *T. diversifolia* e *Brachiaria* sp. demonstrou similaridade com a pastagem solteira, podendo ser devido ao número de plantas de *T. diversifolia* e espaçamento na qual a mesma foi implantada. Conclui-se que é necessário a obtenção de mais coletas para uma melhor interpretação de como essa pastagem realmente se comporta quando consorciada com a *T. diversifolia*. Estudos futuros serão realizados para a avaliação do comportamento dessas plantas a longo prazo e para estudar a qualidade nutricional da forragem consorciada com tempo de rebrota menores que 28 dias.

*Palavras-chave:* Biomassa; *Brachiaria* sp.; Consórcio; Pastagem.

## HIPERPLASIA FIBROADENOMATOSA MAMÁRIA FELINA E SUA RELAÇÃO COM O USO DE ANTICONCEPCIONAIS - REVISÃO DE LITERATURA

*Maria Júlia de Sousa Silva<sup>1</sup>; Carolina Costa Siebra<sup>1</sup>; Rebeca de Sousa Meneses<sup>1</sup>; Tathieli Costa Ferreira Lima<sup>1</sup>; Francisco Wellison Coelho dos Santos<sup>1</sup>; Araceli Alves Dutra<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), Juazeiro do Norte - CE

A hiperplasia fibroadenomatosa mamária felina é a lesão mamária não neoplásica mais comum na espécie felina e, em virtude de seu surgimento estar diretamente atrelado ao uso de progestágenos sintéticos para controle do cio, podendo progredir para um quadro clínico grave em um curto espaço de tempo, estudar e compreender melhor essa enfermidade é de suma importância. Apesar da possibilidade de ser confundida com outros tipos de tumores essa afecção não é relatada com frequência na literatura o que, de certa forma, contribui para um diagnóstico e tratamento tardio. Desse modo, conhecer a história clínica do paciente, com atenção especial para a idade, estado reprodutivo, tempo e forma de apresentação da lesão bem como realizar diagnóstico diferencial e biópsia constituem componentes cruciais para a escolha da melhor conduta. Esse estudo tem como objetivo compreender essa patologia e ressaltar a relevância do diagnóstico e tratamento precoce na redução de casos graves. Para tanto, foram utilizadas fontes de pesquisas como o site científico de pesquisa ResearchGate, PubMed Central e Journal/Medline (Sistema Online de busca e Análise de Literatura Médica Internacional), Revista Ciência Veterinária Unifil e os dados eletrônicos Scielo (Bibliote-

ca Científica Eletrônica em Linha) a partir de revisões bibliográficas no intuito de analisar e interpretar os estudos disponíveis complacentes ao tema. Foi obtido como resultado que há uma estreita relação entre hiperplasia fibroadenomatosa mamária felina e o uso de anticoncepcionais e que, quando não tratada na fase inicial, pode levar a infecções secundárias com alta probabilidade para o desenvolvimento de septicemia podendo resultar em óbito. As pesquisas realizadas demonstraram ainda que estudos precisam ser realizados sobretudo no que diz respeito ao conhecimento de sua patogenia a fim de diminuir a incidência e gravidade dessa enfermidade na clínica de pequenos animais.

*Palavras-chave:* Lesão; Patogenia; Septicemia; Tumor.

## A IMPORTÂNCIA DA OBESIDADE CANINA

*Giulia Trevisani<sup>1</sup>; Raphael dos Santos Canciglieri<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

**A**tualmente a obesidade ganha bastante destaque dentro da clínica médica de cães e gatos, sendo o principal distúrbio nutricional e metabólico. Em 2018, nos Estados Unidos da América, mais de 50% da população canina tinham sido diagnosticados em sobrepeso e obesidade. Contudo, a única pesquisa brasileira a avaliar esse perfil data de 2002, mostrando uma deficiência nesse tópico. A obesidade é uma enfermidade de caráter multifatorial que resulta no acúmulo de tecido adiposo no organismo dos cães que resulta em distúrbios fisiológicos. Diante desse cenário preocupante, compreender os fatores, mecanismos patológicos, diagnosticar e tratar corretamente a obesidade em cães tornam-se vital para evitar uma pandemia. Por isso este trabalho tem o intuito de apresentar uma revisão de literatura acerca da obesidade em cães. Diversos fatores podem resultar nesse acúmulo exorbitante de gordura como: uma nutrição inadequada que compreende o aumento da ingestão energética, número excessivo de refeições, petiscos a vontade e o fornecimento de alimentos processados. Infrequência de atividades físicas, sexo, castração, idade, distúrbios comportamentais e fatores genéticos também possuem relação com a origem da obesidade canina. Cães castrados são mais predispostos a apresentarem essa enfermidade, graças à redução do metabolismo basal que os tornam mais sedentários. Ansiedade e depressão também podem resultar no acúmulo de gordura nos cães, graças à redução da sacieda-

de desses animais. Atualmente, entende-se que a obesidade é uma inflamação crônica de baixa intensidade, isso porque o tecido adiposo hipertrofiado secreta citocinas inflamatórias como o Fator de Necrose Tumor, inúmeras interleucinas pro-inflamatórias e a leptina, resultando em um processo inflamatório sistêmico e trazendo diversas comorbidades. O diagnóstico da obesidade se inicia na pesagem do cão, considera-se um cão obeso aquele que já está de 15% a 20% acima do peso ideal de acordo com a raça e tamanho, atualmente a utilização das escalas de escore corporal são bastante aplicadas na clínica as quais avaliam o contorno da cintura e a palpação das costelas, atribuindo notas de 1 para animais destruídos a 9 para aqueles cães extremamente obesos. Outros métodos mais clássicos podem ser utilizados como a estimativa da porcentagem de gordura corpórea (% GC) que é obtida por meio da avaliação de parâmetros morfométricos e densitometria computadorizada por absorciometria radiológica de dupla energia (DEXA). Diversas comorbidades já foram descritas ocorrendo graças a obesidade, dentre as mais importantes podemos citar: hiperlipidemias, pancreatite, osteoartrite, asma e hiperadrenocortismo. Atualmente, existem no mercado rações específicas para a obesidade, as quais preconizam uma alimentação de baixa densidade energética e alto teor de proteínas, fibras, micronutrientes e vitaminas. A suplementação com L-carnitina, EPA e DHA já mostram suas efetividades no programa da redução de peso. Por fim, a realização de exercícios periódicos também é crucial nesse programa para estabilizar o desbalanço energético causador da obesidade. O papel do tutor é crucial nesse momento: não fornecer alimentos, fornecer a alimentação no horário correto, incentivar brincadeiras com enriquecimentos ambientais irão auxiliar e muito no processo de perda de peso do cão.

*Palavras-chave:* Caninos; Escore Corporal; Inflamação subclínica; Obesidade; Tecido Adiposo.

## LEISHMANIOSE VISCERAL EM FELINOS

*Yasmin Jabr Abdel Jabbar<sup>1</sup>; Patrícia Bieglmeyer<sup>2</sup>; Andrea do Nascimento Araújo Pratt<sup>2</sup>; Cristiane Maria Fernandes de Melo<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Graduanda na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP);

<sup>2</sup>Docente na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

A leishmaniose visceral é uma doença parasitária transmitida por protozoários do gênero *Leishmania*, sendo transmitida pela picada de dípteros dos gêneros *Lutzomyia* e *Phlebotomus*, e aqui no Brasil o principal vetor é o *Lutzomyia longipalpis*. Por ser de caráter zoonótico, acomete o homem e outras espécies de mamíferos, tanto silvestres quanto domésticos, podendo se manifestar de forma aguda e crônica. Mesmo o cão atuando como o principal e mais importante hospedeiro, o felino doméstico também pode ser acometido. Esse trabalho tem como objetivo relatar sobre os principais achados clínicos e patológicos da Leishmaniose Visceral em felinos. O primeiro relato da leishmaniose visceral em gatos no Brasil ocorreu no município de Araçatuba, no Estado de São Paulo. Em áreas endêmicas, os felinos também devem ser investigados pois podem se infectar e desenvolver sinais clínicos da doença. Sabe-se que devido a fatores genéticos, os gatos apresentam certo grau de resistência natural à doença, e muitas vezes o diagnóstico vem associado com outras enfermidades que causam imunossupressão, como o Vírus da Imunodeficiência Viral Felina (FIV), a Leucemia Felina (FeLV) e a toxoplasmose. A forma da doença mais relatada em felinos é a cutânea, sendo os sinais clínicos inespecíficos, como dermatite esfoliativa na região das patas e face, nódulos cutâneos, úlceras na ponta

da orelha e focinho, unhas quebradiças, alopecia. Outros sinais clínicos apresentados são uveíte, êmese, diarreia, desidratação, estomatite e anorexia. Quadros de hepatomegalia, linfadenomegalia, esplenomegalia e insuficiência renal também podem acontecer. O diagnóstico pode ser realizado através de exames parasitológicos, com identificação do parasita em esfregaço sanguíneo, linfonodos e medula óssea. Testes sorológicos como Imunofluorescência Indireta e ELISA também são realizados, bem como a identificação do DNA do parasita através da técnica de Reação em Cadeia de Polimerase (PCR). Já o tratamento para essa enfermidade tem como primeira opção de protocolo terapêutico uma combinação de antimônio e alopurinol, que promovem uma recuperação clínica do animal mesmo não eliminando completamente o agente, com variações de um completo sucesso a realização de eutanásia. A leishmaniose visceral felina tem extrema importância para saúde pública, e a identificação dos felinos no ciclo epidemiológico, bem como de pesquisas sobre os aspectos clínicos e patológicos se fazem necessárias, pois auxiliam na diferenciação da doença de outras enfermidades. Sendo assim, é importante ter o conhecimento sobre os aspectos epidemiológicos da leishmaniose visceral felina, pois a mesma pode passar despercebida devido a particularidades dessa espécie quanto as manifestações clínicas e métodos diagnósticos.

*Palavras-chave:* Enfermidade Zoonótica; *Felidae*; Notificação Compulsória.

## COLHEITA DE SÊMEN E CARACTERÍSTICAS SEMINAIS DO VEADO-ROXO (MAZAMA NEMORIVAGA)

Leticia de Freitas Andrade<sup>1</sup>; Jorge Alfonso Morales Donoso<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

O gênero *Mazama* é representado por cervídeos neotropicais de porte médio a pequeno e os machos apresentam chifres curtos, não ramificados e pontiagudos. Dentre as espécies que ocorrem no Brasil se encontra *Mazama nemorivaga* (veado-roxo), sendo sua distribuição por toda região Amazônica. O contínuo crescimento demográfico da população humana, tem levado a uma diminuição do número de populações de cervídeos neotropicais e as técnicas de reprodução assistida servem como uma importante solução para auxiliar na conservação dessas espécies. A realização de exames reprodutivos em cervídeos auxiliam no estudo e entendimento imediato das suas características, nos quais o congelamento de sêmen é uma ferramenta cada vez mais utilizada para a conservação das espécies silvestres fora de seu *habitat (ex situ)* e para a formação de um banco de sêmen, em cervídeos se incluem três métodos para a coleta de sêmen: eletroejaculação, vagina artificial e recuperação de espermatozoides *post mortem*. A técnica de criopreservação de espermatozoides mediante eletroejaculação é o método mais frequentemente utilizado, tendo como vantagens a utilização tanto em animais de vida livre ou cativeiro, e o baixo risco para o animal e operador. Contudo, cabe destacar que a técnica pode ser dolorosa e estressante. A eletroejaculação procura estimular a ampola retal, nos nervos simpáticos lombares (nervo hipogástrico) e promove contração da musculatura lisa da região, o que resulta na ejaculação do sêmen. O sêmen é colhido em tubo cônico previamente aquecido em banho-ma-

ria a 37°C, e posteriormente é avaliado quanto às suas características físicas e morfológicas conforme sugere o Colégio Brasileiro de Reprodução Animal. O ejaculado é avaliado em relação ao volume, cor, aspecto e pH. Entre as características seminais da espécie *Mazama nemorivaga* em relação às outras espécies de cervídeos, a coloração do ejaculado é avermelhada de maneira fisiológica e, por meio de microscópio de luz, pode-se observar a presença de aglomerados vermelhos no plasma seminal do veado-roxo, sendo a coloração não relacionada com presença de sangue (hemácias ou hemoglobina). Entretanto, ainda não é possível determinar porque a coloração do ejaculado nessa espécie apresenta-se avermelhada e, ainda, os aglomerados pigmentados são de diferentes tamanhos e não estão ligados aos espermatozoides. Outras espécies silvestres geralmente apresentam coloração amarelada do plasma seminal, característica que se apresenta ligada à riboflavina em altas concentrações, sendo a coloração avermelhada característica única da espécie *Mazama nemorivaga*. Por isso, é fundamental o estudo e avaliação reprodutiva dos animais silvestres e aprimoramento de técnicas reprodutivas, bem como o conhecimento da fisiologia de cada espécie de maneira detalhada que ajuda na sua conservação e entendimento das suas características naturais.

*Palavras-chave:* Cervídeos neotropicais; Reprodução; Sêmen vermelho.

## A SAÚDE ÚNICA COMO UM PILAR NA MEDICINA VETERINÁRIA DO COLETIVO

*Vivianne Rocha Stanczyk<sup>1</sup>; Silvia Lima da Silva<sup>1</sup>; Wiliene Barbosa  
Gonçalves de Moura<sup>1</sup>; Marcos Evandro de Souza Lima<sup>1</sup>;  
Moises Barjud Filho<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Federal do Piauí (UFPI), Bom Jesus - PI

A medicina veterinária atua em prol da saúde única, pois está interligada com o equilíbrio entre a saúde do homem, dos animais e do meio ambiente por meio de medidas de promoção à saúde e ao bem-estar, prevenção e controle de zoonoses e preservação ambiental, olhando como um todo e promovendo saúde. Este trabalho teve como objetivo qualificar a saúde única como parte importante na medicina veterinária do coletivo. O conceito Saúde Única não é novo, ele existe desde a década de 90 e vem se atualizando e expandindo à medida em que a sociedade passa a enxergar os animais como sujeito de direitos. A Medicina Veterinária do Coletivo (MVC) atua principalmente na proteção animal com a gestão e controle populacional de cães e gatos, como também as suas ações minimizam o risco de endemias ou epidemias que se manifesta ao longo do tempo. O conceito de Saúde Única foi determinado a fim de esclarecer e passar de forma transparente a coligação entre a saúde humana, a saúde animal e o ecossistema nos quais estão inseridos. Esse conceito ganhou notoriedade devido à crescente ocorrência de doenças infecciosas emergentes, pois cerca de dois terços resultam de zoonoses, a maioria delas surgem de animais selvagens. Alguns exemplos de zoonoses que vem afetando os humanos há algum tempo são ebola, vaca louca, gripe aviária

e gripe suína, tendo a Covid-19 recentemente que, também, tem sua origem de um animal. E esse aumento de doenças se dá devido a ação do homem no meio ambiente, devido a degradação de *habitats*, poluição, extinção de espécies, disseminação de espécies invasoras e mudanças climáticas são alguns exemplos dessa pressão que pode favorecer o aparecimento de novas doenças ou a migração de alguns patógenos para fora do seu *habitat*. O aparecimento de novas doenças não é uma ameaça apenas para o homem, mas também para os animais domésticos e silvestres. A saúde única tem como foco promover a saúde coletiva em sua face cosmopolita, ela age como um pilar para a medicina veterinária do coletivo e, para isso, o profissional de medicina veterinária atua de forma central na busca dessa conexão entre saúde animal, saúde pública e saúde ambiental, além disso, o médico veterinário tem por objetivo promover estratégias colaborativas como mudança sistêmica de perspectiva no manejo de riscos à saúde. Por fim, pelo fato de a Medicina Veterinária do Coletivo exigir uma postura multidisciplinar e de se inserir na área da Saúde Única, procurando zelar pela sanidade e bem-estar do ambiente e das populações humana e animal por meio do monitoramento de zoonoses, considera-se que o profissional médico veterinário está em pleno acordo com o conceito de Saúde Global e da sua atuação.

*Palavras-chave:* Coletivo; Medicina Veterinária; Saúde Única.

## TOXOPLASMOSE EM FELINOS DOMÉSTICOS SECUNDÁRIA A INFECÇÃO PELO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA VIRAL FELINA (REVISÃO DE LITERATURA)

*Vivian Evangelista<sup>1</sup>; Gabrielle Caliman Siani Iagallo<sup>1</sup>; Cristiane  
Maria Fernandes de Melo<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

A toxoplasmose é uma zoonose causada pelo protozoário coccídeo *Toxoplasma gondii*, um parasita intracelular obrigatório de células nucleadas que apresenta capacidade de formar cistos em diversos tecidos. Esse protozoário acomete principalmente o *Felis catus*, considerada a principal espécie no qual o agente realiza seu ciclo de vida, sendo bem adaptado nesses hospedeiros. Essa espécie infecta-se quando ingere presas como aves e roedores contaminados com o *Toxoplasma gondii*, e se estiverem infectados por doenças imunossupressoras, como pelo Vírus da Imunodeficiência Viral Felina (FIV), tornam-se mais predispostos, uma vez que esse protozoário é considerado um agente oportunista. Diante disso, este trabalho tem como objetivo abordar sobre a toxoplasmose em felinos domésticos acometidos pelo Vírus da Imunodeficiência Viral Felina, bem como a relação entre essas duas enfermidades. O vírus da FIV é um lentivírus da família *Retroviridae* que é transmitido de um felino para outro durante o parto, na amamentação e, ainda, em brigas, acasalamento e contato com sangue e urina contaminados. Apesar do agente da toxoplasmose ser bem adaptado aos felinos, quando os gatos se infectam pela FIV tornam-se mais predispostos a infecções secundárias como a Toxoplasmose. Os principais sinais clínicos da Toxoplasmose em

felinos são anorexia, febre, efusão abdominal, icterícia, dispneia, pneumonia e nos quadros mais avançados, sinais neurológicos como paresia, convulsão e tremores. Por sua vez, o vírus da FIV tem tropismo por células em constante divisão, invadindo principalmente os linfonodos, causando quadros de linfadenomegalia. Devido à relação existente entre a FIV e a toxoplasmose, é bastante relatada a presença de anticorpos anti-*Toxoplasma gondii* através de métodos sorológicos como Ensaio Imunoenzimático (ELISA), Reação de Imunofluorescência Indireta (RIFI) nos animais positivos para FIV. A resposta imune na FIV é mediada por linfócitos T e B e, principalmente, pela imunidade humoral, pois na imunidade mediada por linfócitos B ocorre a produção de anticorpos anti-*Toxoplasma gondii* em felinos acometidos pela FIV, quadro também observado em pacientes com Vírus da Imunodeficiência Viral Adquirida em humanos. Quando os oocistos esporulados ou não são eliminados nas fezes dos gatos domésticos, causam contaminação de vegetais, água e solo, predispondo ao aparecimento de novos casos da doença nos animais e seres humanos, o que torna-se um problema para a saúde pública. Outros métodos de diagnóstico da toxoplasmose são a observação de oocistos (esporulados ou não) nas fezes, bem como testes moleculares através da Reação em Cadeia de Polimerase (PCR). Sendo assim, por causa da observação de anticorpos anti-*Toxoplasma gondii* em felinos positivos para FIV, recomenda-se a realização de exames sorológicos em gatos positivos para esse lentivírus.

*Palavras-chave:* Felinos Imunocomprometidos; Protozoário Oportunista; Sorologia; Toxoplasmose.

## OTITE CANINA E FELINA

*Isabella Rando<sup>1</sup>; Mayara Josef<sup>1</sup>; Marcelo Boriollo<sup>1</sup>;  
Natalia Rubio Claret Pereira<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba - SP

**N**os dias atuais, a maior parte da população brasileira possui um animal de estimação em seu domicílio, sendo mais comuns felinos e cães, sucessivamente. Uma das doenças que mais acarretam esses animais, sendo principalmente os cães, é a otite. Ela é uma inflamação do epitélio no canal auditivo muito comum nesses animais, podendo ser interna, média ou externa. A otite externa pode ser de forma aguda ou crônica (com durabilidade de aproximadamente três meses), sendo infecciosa ou não, uni ou bilateral e não causa nenhum risco a vida do animal. Essa inflamação pode ser dividida em três etapas, sendo elas: primárias, predisponentes e perpetuantes. O conduto auditivo externo é capaz de se manter equilibrado em ocasiões normais, através dos microrganismos e do cerúmen, o qual irá manter o pH auditivo estável. Um dos principais fatores que resulta nessa inflamação é o aumento na produção de cerúmen, desregulando a barreira protetora e permitindo a entrada de fungos como a *Malassezia*, considerada uma levedura. Muitos dos casos podem ter seu tratamento conclusivo, mas otite externa crônica ou resistente é muito comum, principalmente pela questão de predisposição e persistência em infecções secundárias. As infecções micóticas de superfície por leveduras como *Malassezia* spp., podem ter ação de habitante natural da pele e ouvido dos felinos e cães, e como patógeno oportunista. A utilização de

miconazol tem ação de reduzir o fungo desejado, sendo também associação de antifúngico, antimicrobiano e anti-inflamatório, como os clotrimazol, marbofloxacin e dexametasona que proporcionam um resultado eficaz em vermelhidões, cerúmen e prurido. Também são utilizadas terapias tópicas de vários agentes antifúngicos no controle de seu crescimento. Grande parte dos casos podem ter a solução com a utilização da terapia tópica, quando sua forma de administração é feita conforme orientação. O uso de medicamentos sistêmicos é indicado se houver otite externa com sinais clínicos exacerbados, otite crônica e também casos de otite média, e seu tratamento pode continuar também após a cura clínica. A escolha do antimicrobiano sempre deve ser baseada em testes de sensibilidade e cultura. No decorrer do tratamento a desatenção dos cuidados pode levar à evolução dos casos crônicos e à resistência bacteriana. Por isso o tratamento deve ser consciente para minimizar o desenvolvimento de resistência aos antimicrobianos e a evolução para casos crônicos.

*Palavras-chave:* Malassezia; Otite; Resistência; Tratamento.